



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

**Cinemateca Júnior**

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## **JOHN FROM (2015)**

Realização: **João Nicolau** / Argumento: **João Nicolau, Mariana Ricardo** / Fotografia: **Mário Castanheira** / Som: **Miguel Martins** / Música: **João Lobo** / Guarda-roupa: **Susana Moura** / Decoração: **Bruno Duarte e Cypress Cook** / Direcção de arte: **Bruno Duarte, Cypress Cook** / Montagem: **Alessandro Comodin, João Nicolau** / Montagem e mistura de som: **Miguel Martins** / Com: **Júlia Palha, Clara Riedenstein, Filipe Vargas, Leonor Silveira, Adriano Luz.**

Produção: **Luís Urbano, Sandro Aguilar, Thomas Ordonneau (O Som e a Fúria, Shellac Sud)** / Director de produção: **Joaquim Carvalho** / Cópia: **DCP, cores** / Duração: **100 minutos** / Estreia mundial: **Entrevues Belfort (25 de Maio de 2016).**



É justo dizer, e apesar da distância ainda ser pequena, que 2006 traz uma obra marcante no cinema português. **Rapace** (2006), primeiro filme de João Nicolau, era a curta-súmula de uma geração que se tinha habituado, nesses anos, a trabalhar com uma vaga de novos financiamentos que apostava, concretamente, no formato curto de jovens autores. Aquilo que poderia ter sido uma janela para muitos ensaiarem ideias para futuras longas resultou, na verdade, no fortalecimento de um género que ganhou identidade própria, ao ponto de ainda hoje existem autores, no cinema português, que fazem carreira em filmes de curta duração não apenas por questões financeiras mas por reconhecerem, na curta metragem, um mundo que contém os seus próprios códigos, a sua linguagem, e uma maior facilidade, talvez, para se construir um universo pessoal ao longo do tempo.

No entanto, **Rapace**, e dois anos depois da estreia da primeira longa de Miguel Gomes (**A Cara Que Mereces**, 2004, outro acontecimento no panorama nacional), não veio apenas reforçar o estatuto do formato curto no cinema português: criou,

pelo universo pessoal do seu autor, e a sua tradução na linguagem cinematográfica, uma influência ainda hoje determinante na nossa ficção. Ou seja: um cinema que, embora ancorado na realidade e no seu quotidiano (com todas as suas referências urbanas, linguísticas, musicais, ou de costumes), busca, em todos os momentos, uma ponte para a fantasia, para a inocência, e para as fábulas que se escondem por trás do simples gesto de se contar uma história.

Para João Nicolau, o mundo real passa, em primeiro lugar, pela vida do seu bairro lisboeta: Telheiras, a base do universo de **Rapace** e que surge, de novo, em **JOHN FROM**. No entanto, Nicolau aproveita o formato de longa para acentuar, mais ainda, esse mundo imaginário que vive na cabeça das suas personagens para que ele consiga tomar conta, de maneira física e sonora, tudo aquilo que é da ordem do real. **JOHN FROM** é, por isso, o sonho de ver *um outro mundo* (o da ficção e da fantasia, aqui traduzida pelo exotismo e os mitos que alimentam a história da Melanésia) a tomar conta do nosso quotidiano.

Essa transformação, contudo, não acontece de um momento para o outro nem aterra, pura e simplesmente, numa realidade que aborrece a jovem Rita. Se o espectador reparar, a própria Rita é talvez a única das personagens, na cómica reunião de condomínio, que não se surpreende com a chegada desse misterioso nevoeiro, pois é a imaginação dela, ao longo do filme, que vai abrindo as pequenas portas, dentro da sua vida juvenil, para que tudo se transforme, pouco a pouco, e seja a sua inocência e as suas fantasias a tomarem conta de um quotidiano que já não obedece aos seus desejos. Mais extraordinário ainda do que ver Telheiras, no final do filme, a ser transformada na Melanésia, é ver como o filme, em termos plásticos e sonoros, se vai entregando cada vez mais à imaginação e às influências da sua jovem personagem, não apenas na música, mas também nas cores, nas imagens, no arvoredo, e em todo o trabalho sonoro, cada vez mais exótico e exuberante à medida que nos vamos aproximamos do final.

Para isso, João Nicolau não se inspira apenas no seu interesse por outros mundos, mas também pelo sentido plástico de dois realizadores. São eles o finlandês Aki Kaurismäki, aqui citado num excerto de **Shadows in Paradise** (1986), e o francês Jean-Luc Godard, mais especificamente na sua fase “pop”: a dos anos 60 e de **Pierrot le fou**, outra obra muito influenciada pela pintura e, sobretudo, o fauvismo de Henri Matisse e de Paul Gauguin (outro apaixonado pela Polinésia, lugar que conquistou a sua arte). Tudo isso faz de João Nicolau, seguramente, um dos cineastas com maior sentido plástico, no jovem cinema português, e um autor que, à semelhança de Miguel Gomes (e outros realizadores da “casa” produtora O Som e a Fúria), vem encontrado e levantando (talvez) os últimos traços da inocência de uma arte que se vai afastando, a passos rápidos, do seu primeiro centenário. O que Nicolau nos parece dizer é que poderemos ainda, nas mais simples notas, nas mais pequenas intenções, e num regresso, de certa forma, às origens do mundo e das suas aventuras, “fingir” que vale a pena deixarmos a nossa realidade (nem que por momentos) para ainda vivermos no lugar que nos tinha sido prometido, há décadas atrás, pelo cinema: o lugar da imaginação (ou o lugar de Oz) como o sítio onde poderemos ainda viver tudo aquilo que os nossos sentidos procuram. Não nos espanta, por isso, que essa promessa, como em **JOHN FROM**, ainda venha do céu... cabe aos filmes conseguirem trazê-la até nós.

Francisco Valente